

FESTIVAL CULTURAL DE ZALAB-LABÉ: ENTRE IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE

ZALAB-LABÉ'S CULTURAL FESTIVAL: BETWEEN IDENTITY AND TERRITORIALITY.

Mahfouz Ag Adnane

ABSTRACT: The article highlights the expressive practices of tamasheq society, derived from the ichúmar music that emerged in the 1980s. The focus stress on intercommunity festivals or meetings, created in the locality of Zalab-labé, Gao (Mali) in the last decade. The study is based on oral sources, built in fieldwork carried out between 2016 and 2018, in addition to documentary survey and analysis. From the early 2000s until 2012, several cultural initiatives had been promoting an important festival scenario of intercommunity meetings. These used to take place in different formats after the period of mobility for pastoralism with the aim of artistic celebrations, conflict resolutions and debates on the great issues of the moment. In them, the plasticity of identities and the mix of aesthetic languages and expressions allowed the expansion of horizons and the creation of modalities of dialogues in order to reaffirm belongings, territorialities and to establish or renew alliances and political agreements.

KEY-WORDS: Sahara; Festival; Tamasheq; Ishumar; Zalab-labé.

RESUMO: O artigo discute práticas expressivas tamacheque derivadas da música ichúmar que emergiu nos anos 1980, constituídas na forma de festivais/encontros intercomunitários entre o início dos anos 2000 e 2012. Estes ocorriam após o período de mobilidade para a pastorícia em diferentes formatos, com objetivos diversos como celebrações festivas e artísticas, resolução de conflitos e debates sobre as grandes questões do momento. O foco da análise recai sobre as atividades culturais criadas na localidade de Zalab-labé, região de Gao (Mali), a partir de pesquisa de campo realizada entre 2016 e 2018. Neles a plasticidade das identidades, mixidade de linguagens e expressões estéticas permitiram a ampliação de horizontes e criação de modalidades de diálogos a fim de reafirmar pertencimentos, territorialidades e de estabelecer ou renovar alianças e acordos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Saara; Festival; Tamacheque; Ichúmar; Zalab-labé.

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

FESTIVAL CULTURAL DE ZALAB-LABÉ: ENTRE IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE

Mahfouz Ag Adnane¹

Conexão e mobilidade são parte de estratégias históricas, políticas e culturais, marcantes e vitais para as sociedades do Saara. No caso dos Kel Tamacheque no Mali, a música do movimento *Ichúmar* ou *Techúmara*² - que emergiu nos anos 1980 - gerou novos cenários performáticos como a criação e/ou a ampliação de festivais culturais internacionais, além da multiplicação de encontros intercomunitários, renovados por dinâmicas translocais.

O presente estudo sobre os itinerários culturais saarianos do final do século XX e início do XXI, focaliza as manifestações realizadas na construção ou reafirmação de territorialidades no bojo do trabalho permanente da formação de identidades culturais partilhadas.³ Estas têm sido construídas historicamente como campos para as comunidades celebrarem valores compartilhados e fortalecerem laços comunais. A noção de identidade neste artigo aproxima-se do conceito de identidade-rizoma de Édouard Glissant (1996), afastando-se de concepção de identidade percebidas como raiz (metáfora de origem). Nas configurações rizomáticas das sociedades moventes e compósitas, como a Kel tamacheque, as raízes se compõem no encontro com outras (GLISSANT, 1996). Os encontros intercomunitários formam rizomas em suas constantes atualizações relacionais, tanto entre as diferentes confederações (*tiwšaten*) como entre sociedades, sejam elas saarianas e saelianas ou mais distanciadas. As identidades são também partilhadas, conformando poéticas das relações (GLISSANT, 1981) configuradas pelas sociedades como “totalidade dos povos e das comunidades”, conforme Glissant (1981, p. 191).

A cada ciclo sazonal, diferentes unidades políticas tamacheque renovam suas alianças, laços sociais, matrimoniais e políticos durante os encontros intercomunitários em várias regiões a exemplo de Timbuctu, Gao e Kidal, no Mali; além de Agadez, Iferoune e In-Gall, no Níger. Trata-se de encontros intercomunitários anuais da vida nômade que receberam nomes

¹ Doutor em História pela PUC-SP. Pesquisador do CECAFRO-PUC e da Casa das áfricas, núcleo Amanar.

² Depois da independência do Mali, houve forte repressão, após a eclosão de uma revolta em 1963-1964 (na região do Adrar), por parte dos novos dirigentes, levando ao exílio uma parte da juventude, denominada localmente por *alfillaga*. O cerceamento e a fragmentação dos territórios tamacheque criaram entraves econômicos que resultaram em migrações intensas e grande contingente de pessoas sem meios para garantir sua sobrevivência. Para descrever essa situação, nasceram os neologismos derivados do termo francês *chômeur* (desempregado), como *achamor* ou *ichúmar* (singular e plural, respectivamente), ambos declinados conforme as regras da língua tamacheque (HAWAD, 1999; AG ADNANE, 2014). Nas décadas de 1980-1990 esse movimento assumiu a forma de luta social com uma vertente armada e outra cultural, conhecida como *techúmara* ou *ichúmar*.

³ Lembrando que os Kel Tamacheque se encontram em grande parte em regiões saarianas (Argélia, Líbia, Mali, Níger), mas igualmente no Sael do oeste africano (Mali, Burkina Faso e Níger).

diferenciados segundo a região em que ocorrem: *takubelt*, *temakannit*, *tamoqqast*, *tamadacht*, *gani* e *bianu*. Para Keltoum Walet Emastagh - pintora, poetisa e cantora de *blues* saariano -, não se organizava encontros intercomunitários sem objetivos precisos, pois, sendo um sistema composto por federações, estas reuniões anuais eram ocasiões para encontrar soluções comuns. Eram também espaços de expressões estéticas, sendo que a poesia teve (e tem) lugar de destaque, já que “a poesia é o elemento mais importante, porque são os poetas os narradores, aqueles que contam as histórias” durante a *takubelt*. Há desse modo, uma aproximação entre poesia e memória na visão de Walet Emastagh que considera a arte como “um elemento de nossa vida por meio do qual tentamos produzir, oferecendo uma visão sobre o mundo em que vivemos. Assim, o artista é alguém que se engaja. Ou seja, alguém que se conscientiza por meio de seus próprios engajamentos.”⁴

Festivais e eventos culturais, como os encontros intercomunitários, tornaram-se cada vez mais a partir dos anos 2000, arenas de discurso, permitindo que as pessoas dialogassem sobre questões culturais, sociais e políticas amplas. Cabe lembrar que se tornou mais e mais relevante a construção de espaços políticos dialógicos para legitimação e reconhecimento da composição pluricultural presente nos Estados-nação africanos. O professor Ahmed Ag Hamama defende que a expressão das comunidades são campos de exercício de sua própria emancipação.

(...) O que é a independência? É um novo modo de vida que permite criar condições favoráveis para uma vida melhor, que pode lhe colocar em relação com o mundo exterior, para conseguir trocar, viver decentemente com seu meio ambiente. É isso a independência, não é o que as pessoas estimam, um decreto em vossa frente e vocês são independentes, decretando: vocês são uma república! Isso e aquilo. República de quê e com quê? Mesmo a África optou primeiro por comunidade, a partir desta comunidade prepararam as independências. É certeza que a África vai evoluir. A África evoluiu. Terá mudança, a África das independências não será a África do século XXII, a África do século da lua, o interplanetário não será a mesma coisa. É preciso que os Kel Tamacheque mudem! Que sejam levados a esta mudança. A gente não falou que um médico tamacheque não se veste decentemente com grande bubu e seu *litham*, professando sua profissão de médico e fazendo consultas, não tem nada a ver. É possível ser o que se é, mesmo sendo moderno. A independência política é menos importante que a independência econômica.⁵

Diversas iniciativas moldaram, ao longo das últimas décadas, os encontros intercomunitários Kel Tamacheque no Mali, com eventos culturais e motivações políticas precisas. Os encontros intercomunitários concernem, portanto, uma atitude política a fim de

⁴Keltoum Walet Emastagh. Entrevista V. Bamako, 1 de abril de 2018. Entrevistador: Mahfouz Ag Adnane. Gravação em áudio. Francês. Duração: 39mns36segs. Acervo do pesquisador.

⁵Ahmed Ag Hamama. Entrevista I. Bamako, 4 de fevereiro de 2017. Entrevistador: Mahfouz Ag Adnane. Gravação em áudio. Francês e tamacheque. Duração: 45min. Acervo do pesquisador.

fortalecer o intercâmbio com as sociedades e governantes de seus países além da tessitura de redes internacionais. Estes complexos eventos reafirmam alianças e pertencimentos a uma territorialidade em que coabitam experiências societárias distintas, mas entrelaçadas, contribuindo para sua efervescência social. Diferentes formas de marcações dos sítios territoriais, como pinturas rupestres e gravuras, além das tumbas (*tizizka*) com suas estelas mortuárias (*idjadayan*⁶), os poços (*enwan*, singular *anu*), as dunas (*tidjefene*, singular *tedjeft*)⁷, os vales úmidos, os leitos de rios temporários, integram o longo trabalho de construção da espacialidade das unidades sociopolíticas e territoriais tamacheque denominada *tiwšaten*⁸ (FARIAS, 2010; AG KHAMMADINE, 2012).

Tais marcações simbólicas são renovadas, em nossos dias, pelas escritas performativas (ANTONACCI, 2018) dos encontros intercomunitários e dos festivais, reafirmadas nas alianças sociais e políticas que tornam indissociáveis os conceitos de espaço e sociedade, corpo social e territorialidade. Há, igualmente, demarcações econômicas com inscrições territoriais que desafiam a gestão comum das terras de pastagens por diferentes unidades políticas locais. Desta forma, as comunidades territoriais e de destino constroem repertórios compartilhados de memórias em arquivos vivos (DIAGNE, 2005) que validam seus sistemas de convenções e de práticas sociais. Neles a plasticidade e mixidade de expressões são exercícios constantes, pois se formam campos de ação de práticas criativas em que arte e vida se entrelaçam, lembrando a estética da plasticidade de Iba Ndiaye (2000, 2003). As fragmentações das expressões estético-culturais africanas, plurais, entrelaçadas e interdependentes têm dificultado a compreensão de suas movências e historicidade.

A pesquisa foi realizada segundo perspectiva metodológica que assume a complexidade da construção da interpretação social, seguindo as orientações da história oral, conforme argumentações de Alessandro Portelli, como:

(...) narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de narrador e de outro sujeito que chamarei de pesquisador - encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (PORTELLI, 2010, p.210).

A compreensão dos encontros intercomunitários se apóia na narratividade de memórias forjadas na oralidade (HAMPÂTÉ BÂ, 1982; VANSINA, 1982), que se tornou elemento chave para o trabalho do historiador-narrador (BENJAMIN, 1987). A reflexão volta-se, neste texto,

⁶ No singular, *edjade*.

⁷ Também se diz *idjefan* e *edjef* (forma masculina).

⁸ *Tawšit*, no singular.

para uma manifestação da região de Gao, mais especificamente, a *takubelt* da localidade de Zalab-labé, realizada a partir de análise de pesquisa de campo ocorrida entre 2016 e 2018.⁹ A construção de fontes, caracterizadas por relações dialógicas, contém dimensões epistemológicas e éticas que veiculam saberes, memórias e performances de identidades que comportam diversas dimensões da experiência humana na construção e transmissão da cultura na história. Faz parte de processo complexo em que o imaginário e o real, o conflito e a cultura (BENJAMIN, 1987) estão profundamente entrelaçados no esforço de narrar os eventos do mundo (sociais, políticos, estéticos, afetivos e identitários).

Takubelt de Zalab-labé: territorialidade em constante construção

Os encontros intercomunitários evocam íntima relação entre cultura e poder, correspondendo à forma de ação política multiforme, complexa, plena de disputa e, igualmente, de tensões criativas (FARIAS, 2004). Na localidade de Zalab-labé, situada a cerca de 45 Km da cidade de Gao (Mali) foram organizadas duas edições de encontros *-timoqqessen* - intercomunitários em que participaram, particularmente, as comunidades do município de Anchawadj e de Telamsi (região de Gao). Em Zalab-labé, realizei diversos encontros com narradores, individuais e grupais, entre novembro de 2016 e janeiro de 2017. A acolhida como pesquisador em minha própria morada foi experiência pessoal forte e emocionante. Um dos encontros ocorreu na casa dos meus pais onde se reuniram mais de 20 pessoas, desde bem cedo. Destaco a participação de Salma Walet Azamzami, Mohamadou Ag Azamzami, Oumourmani Walet Azamzami, Alhabib Ag Almouctafi, Zicra Walet Almouctafi e Rhissa Ag Mohamed Ahmed.

Em nenhum outro momento deste estudo de campo, biografia e pesquisa estiveram tão intensamente entrelaçadas, gerando novas responsabilidades e expectativas. Alguns disseram que, num próximo estudo, deveria me dedicar à história de minha *tawšit*¹⁰, mas que podiam compreender e aceitar que este, sendo meu primeiro trabalho de pesquisa, estivesse voltado para a *tumast*¹¹, o conjunto das *tiwšaten* Tamacheque. Contaram-me que a *takubelt* de Zalab-labé se desdobrou de uma mobilização do grupo de intelectuais com formação superior da comunidade Icharamatane, localmente chamados de “*cadartan*” (adaptação do termo francês *cadre*, quadros).

¹² Foram liderados pelo oftalmologista Moussa Ag Almoujtahid, que após uma longa reflexão

⁹ Integra as pesquisas que forneceram as bases para a tese de doutorado.

¹⁰ Confederação de linhagens Icharamatane. O termo *tawšit* indica a unidade sócio-política tamacheque.

¹¹ Nação.

¹² “*Cadartan*”, forma de se referir aos escolarizados a partir do termo francês “*cadres*”.

viu que era importante criar uma forma para que sua sociedade pudesse reafirmar sua territorialidade ancestral a fim de atualizar sua legitimidade política. Ele convocou uma reunião, em que foi decidida a fundação de uma associação local, que, posteriormente, recebeu o nome de Associação de Desenvolvimento de Zalab-labé (ADZ). Na sequência, vários encontros se sucederam, em Bamako, Gao e em Zalab-labé. Zilkifli Ag Assalat, um “notável” de Zalab-labé, ressaltou que uma das reuniões “ocorreu em *Edjarew*”¹³, nas aldeias à beira do Rio Níger, assegurando nossa historicidade e laços comuns com os Songhoi.

Para a criação da associação, foram escolhidos os economistas Oumar Ag El Mehdi e Rhissa Ag Mohamed Ahmed e o *amenokal* (chefe) da comunidade Icharamatane Alhabib Ag Almouctafi, que naquele período, fazia parte do conselho municipal da prefeitura de Anchawadj. Nestes encontros para a formação da associação, houve uma conscientização da necessidade de maior coesão e de instrumentos para reforçar seus propósitos e significados comuns (WILLIAMS, 2015). Nesse movimento de debates, surgiu a Takublet de Zalab-labé. Para isto, foram necessários muitos outros encontros em Zalab-labé com toda a comunidade a fim de discutir as modalidades e as formas para viabilizar o evento. Foram criadas comissões e divididas as responsabilidades. Neste contexto, Albacher Ag Goubay, um dos notáveis de Zalab-labé, nos ajudou com um depoimento oral em tamacheque, afirmando que “havia sido acordado que o evento deveria ser organizado com nossos próprios meios sem nenhum apoio externo com objetivo de discutir as questões da *tawšit*. Era preciso para que “fizéssemos o que estivesse ao nosso alcance, *tidaabat*”.¹⁴ A participação da população local foi, portanto, decisiva na organização e na viabilização do festival de Zalab-labé:

(...) Cada pessoa deu sua *tirdjit* (contribuição), com o que podia. Aqueles que tinham *eharé* (rebanho) contribuíram com animais, aqueles que tinham *azrif* (dinheiro), contribuíram com dinheiro, aqueles com *tayitté* (habilidades, inteligência), também contribuíram com suas ideias e, assim, fizemos o evento

A questão social foi considerada neste evento, sendo que seus organizadores pensaram nas pessoas mais vulneráveis da *tawšit* e decidiram apoiá-las por meio do oferecimento de algumas cabras. Lembro que a economia local é baseada no pastorismo nômade, e as cabras são os animais mais resistentes que se pode cuidar nessa zona onde a chuva é rara. Por isso foram escolhidas as pessoas mais impactadas pelas secas:

¹³ Termo para designar o rio Níger.

¹⁴ Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao. Albacher Ag Goubaye, Zilkifli Ag Assalat, Alhabib Ag Almouctafi, Mohamed Issouf Ag Mohamed. Entrevista IV. Gao, 02 de dezembro de 2016. Entrevistador: Mahfouz Ag Adnane. Gravação em áudio. Tamacheque. Duração: 14min48s. Acervo do pesquisador.

(...) o benefício, *alfaida*, que tiramos foi a distribuição que fizemos para as dez pessoas mais necessitadas da *tawšit*, pois conseguimos dar a cada uma, dez cabras, entre as mulheres viúvas e as pessoas mais pobres da comunidade, *tilaqqiwenwinider* (...). Isto foi em 2008. Decidimos fazer a mesma coisa a cada ano.¹⁵

As outras *tiwašiten* vizinhas participaram, sobretudo as dos municípios de Anchawadj e de Telamsi. Segundo o *amanokal*¹⁶ Alhabib Ag Almoctafi, o evento registrou a participação do ex-prefeito de Anchawadj, Mohamed Ahmed Ag Alhassane, falecido em 2014, e do ex-prefeito de Telamsi, Almoumine Ag Kiyou, além do ex-governador de Gao, Baba Touré. A população Songhoi dos municípios de Gao e de Soni Ali Ber também prestigiou o evento. O projeto dedesenvolvimento não era desejo exclusivo dos organizadores do Festival de Zalab-labé, mas do conjunto da população:

(...) Juntamos rebanhos, cereais e organizamos tudo o que podíamos em termos de recursos. Pessoalmente, ofereci uma vaca. O rebanho ofertado pelas pessoas foi de dezenas de cabeças. Desse modo, fizemos um bom evento. Nosso objetivo era também, divulgar nossos projetos e dialogar com pessoas de outros lugares e outros países. Era nosso desejo que eles chegassem até os países dos brancos, dos árabes e outros. Fizemos o que conseguimos e nosso festival foi bem organizado.¹⁷

Entre as atividades que foram organizadas nesta ocasião, destacaram a *támachaak*, isto é, a corrida de camelos em volta *datendé* (tambor), além de *iswat*, que é a música e a dança dos *agutan* (artesãos e mestres da palavra, além de genealogistas). O jovem Mohamed Issouf Ag Mohamed confirmou, com entusiasmo, que “nossos *agutan* estavam presentes, Mohamedine Ag Tabaryat veio e trouxe toda sua equipe”, enquanto Albacher Ag Goubay acrescentou dizendo que “todos os nossos *agutan* vieram para celebrar o evento, com suas *tihardanen*.”¹⁸ Omar Ag Almoustakim, pedagogo e professor, diretor e coordenador de escolas nômades durante vários anos, atualmente trabalhando no programa de Ensino das Línguas Maternas da Direção Nacional de Alfabetização Funcional e Linguística Aplicada, destacou que “o festival foi realmente uma festa, foi um encontro grande” e foi valorizado pelo fato de que todos os presentes “usavam seus

¹⁵Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao, op.cit.

¹⁶ Isto é, chefe espiritual e responsável político-administrativo de cada *tawašit*.

¹⁷Alhabib Ag Almoctafi e Omar Ag Almoustakim. Entrevista III. Bamako, 5 de fevereiro de 2017. Entrevistador: Mahfouz Ag Adnane. Gravação audiovisual. Francês e tamacheque. Duração: 24min30seg. Acervo do pesquisador.

¹⁸*Tihardanen* é plural da *tehardant*. Trata-se de um instrumento tradicional de três cordas. Tradicionalmente somente essa família de *in-hadanagutan* que toca a música e fabrica todas as necessidades de toda a sociedade Kel Tamacheque.

ilechan” (plural de *alecho*).¹⁹ “Havia filas de camelos por todos os lados, tambores, flautas e todos os tipos de instrumentos musicais que vocês conhecem”.²⁰

Uma comissão ficou encarregada de exhibir, em inúmeros lugares, os símbolos que significam e representam a comunidade Icharamatane, para os participantes. Estavam visíveis nas dunas e vales em que se encontram *tizizka* (tumbas), nas ruínas das antigas *timisguidawen* (mesquitas), de grande valor para a sociedade Kel Essuk (CUOQ, 1984).²¹ Parece ter sido intenso o investimento em lugares significativos de pertencimento como herança, testamento e legado de gerações desejosas de transmitir possibilidades de (re)conhecimento. Ressalto ser esta uma comunidade de marabus da Qādiriyya, uma das ordens sufi mais fortes na região saariana. Símbolos de identidade movem-se em territorialidade de nomadismo, *idaggan n timizzoq win ibda*, isto é, lugares das nossas habitações desde a antiguidade. Omar Ag Almoustakim considerou que as visitas a lugares históricos dos Icharamatane confirmam suas raízes e história, ressaltando que:

(...) o festival foi uma ocasião para nós vivermos ou revivermos nosso passado. Fazendo o quê? Visitando, com os dirigentes da região, alguns sítios históricos. Ou seja, alguns lugares como uma antiga mesquita, no pé da montanha de *Intiduten*, na beira da estrada que vai em direção de Imnaghil. A mesquita está lá até hoje. Em seguida, continuamos na caminhada, passamos sobre a duna de *Bahwatanem* que parte de nossos ancestrais foram enterrados. Lá existem suas estelas mortuárias.²²

Essa dinâmica de visitas a tumbas e a antigas mesquitas foi marco singular deste encontro. Realmente trata-se de algo importante em várias culturas africanas e, sobretudo, de várias *ṭuruq* (singular, *ṭarīqah*) muçulmanas no Saara, na África do Oeste e no Magreb. Pois sair em visitação periódica (*ziyārat*) faz parte de práticas religiosas seculares. Em Fés, por exemplo, milhares de *tijānūn* (singular *tijānī*) encontram-se na *zāwiyah* de seu fundador, *cheikh* Ahmed Tijani (1735–1815).

Albacher citou alguns lugares em que se encontram as tumbas antigas dos Icharamatane, que continuam a ensinar cotidianamente para que crianças cresçam conscientes destes lugares sagrados: “os nossos antepassados estão enterrados em Bahwatan, Éwalé, Inelfis, Tinalina, Intiduten, há muitas [tumbas]”. Bahwatan é uma das mais antigas tumbas dos Icharamatane que voltou a ser utilizada após a saída, forçada pelos ataques em 1994, da localidade de Inelfis, onde minha avó paterna se encontra. Foi sua perda que me ensinou o significado da morte,

¹⁹*ilechan* é plural de *alecho* que é o índigo tamacheque.

²⁰Alhabib Ag Almouctafi e Omar Ag Almoustakim, op.cit.

²¹O autor acredita que esta confraria foi introduzida ao longo do século XVI na região do Aïr (no Níger atual).

²²Alhabib Ag Almouctafi e Omar Ag Almoustakim, op.cit.

possivelmente em 1986. Sua ausência era mencionada alusivamente com a frase: “foi para a Meca”. Depois disto, ficamos na mesma vila em Inelfis até 1994. Hoje, um grande número de tios, avôs e tias avós estão enterrados naquele lugar, inclusive a minha bisavó materna.

As estelas mortuárias são testemunhos históricos, nelas estão gravados os nomes “dos nossos ancestrais com as datas de nascimentos em algumas delas”, disse o professor Ag Almoustakim. Alhabib, chefe político e espiritual desta comunidade, confirmava ao repetir na ocasião *tidat ya, tidat ya*, que significa “verdade, verdade”. Ele costuma mudar o tom de voz, ao pronunciar *addinat nanagh widagh arunen*, nossos ancestrais mais remotos. Alhabib explicou que o nome de pedra em que se escrevia nossa história se chama *edjade*, estela:

Antigamente, quando uma pessoa morria, um ferreiro vinha com *tassaghris* [pedra dura, instrumento, usado para inscrições]. Com isso, escrevia os nomes dos mortos. Fulano Ag fulano, até terminarem seus ancestrais.²³ Foi assim em nossa história [“awendagh as attarekh nanagh”], a história desta *tawšit* que se chama Icharamatane. Ela é uma *tawšit* antiga que tem uma história antiga. Não há nenhuma *tawšit* que tenha uma história como a nossa nessa região toda. Ela foi a primeira, segundo alguns historiadores, a trazer o Islã para esta região, *akal wadagh iketennes*.²⁴

As tumbas Icharammatane são encontradas entre Burem, Gao, Tinaouker e Djebock. Albacher acrescentou que, atualmente, com as novas divisões administrativas, “*Tinalina* faz parte do município de Telamsi²⁵, enquanto as outras estão aqui, no município de Anchawadj”. Como um membro desta mesma comunidade, eu havia escutado falar dessas tumbas muitas vezes, como de outras, as de Teknewen, Alata, En-haran, Tin-iwelan, próximo da localidade Songhoi, Forgho. Durante o festival, segundo Zilkifli²⁶, ocorreram *ziyārat* em cada uma dessas tumbas, um grupo percorreu todos estes lugares até Inelfis e Forgho. Nesses movimentos desenhavam uma cartografia de sentidos e inscrições na história com espacialidades que confundem corpos e narrativa histórica comum, desenham passado e traçam horizontes e futuro. Essa dimensão revivida em seus festivais desvela o trabalho espiritual de construção de elos e redes conectivas entre os próprios Kel Tamacheque e entre estes e os Songhoi.

Os membros da Associação de Desenvolvimento de Zalab-labé (ADZ) são seus filhos e filhas, não importando onde estejam, seu estatuto ou sua idade. O objetivo principal é promover o desenvolvimento da localidade, criar iniciativas e buscar financiamentos para a educação, além

²³ *Mandam Ag Mandam awendagh har dimdun imarawan nes.*

²⁴ Alhabib Ag Almouctafi e Omar Ag Almoustakim, op.cit. A expressão “akal wadagh iketennes” significa: toda esta terra ou este país ou esta região.

²⁵ É importante esclarecer que os dois municípios eram o mesmo *arrondissement* desde as independências até a descentralização de 1998.

²⁶ Um dos narradores do grupo de Zalab-labé.

de construir posto de saúde e poço artesiano. Os membros são responsáveis pelo trabalho comum de luta contra a pobreza. Faz parte do projeto a dimensão de solidariedade, inclusive manter a doação de dez cabras anualmente, esperando que, no prazo de dez anos, todos possam alimentar corretamente e ter suas necessidades fundamentais atendidas. Há, porém, uma dificuldade maior que é a insegurança gerada pelo conflito armado. Este impediu que se fizesse, até o momento, a terceira edição da *takubelt*. “Desde então, começaram as crises que persistem até hoje e não conseguimos organizá-lo mais”, lamentou Albacher Ag Goubay.²⁷ Reviver os laços sociais entre as populações Songhoi e Kel Tamacheque foi outro objetivo relatado nas entrevistas, entre *Kel Edjarew* e *Kel Adjef* (aqueles do rio e aqueles de dunas), depois de vários anos de conflito armado em que houve desconfianças de ambas as partes, perseverou Albacher Ag Goubay:

(...) deveríamos reviver laços entre pessoas [*addinat*] que sempre coabitaram (...), por exemplo, de Forgho, Kokoram, Kossiakaray, Hamakouladji e Magnadaway. Pessoas de todos estes lugares se encontraram e foram visitadas pela comissão da ADZ, que trabalhou pela unificação e para retomar laços antigos e rememorar o passado.²⁸

Os encontros intercomunitários de celebração, *tikubelen*, e suas atividades culturais, tais como *timachadjen* (competições na corrida de camelos) realizadas a cada ano durante as festas religiosas, *imadan*, são memórias vivas desta comunidade. Um exemplo são as *tikubelen* de Ernassedj, Tinaghaman, Indjarran, Tinezidan, Indaberan, Inkoro, Inbidjadj, Edjef-molen, Assadjad, Tinamskor, Tiharkanaten, entre outras. Eram muitas e importante, portanto, os mais velhos seguem contando sobre estas festividades para os mais novos até hoje.

Nesses encontros festivos, em que vários jovens fazem a iniciação masculina para alcançarem o estatuto de adulto, *tandjatt*. Após esse momento, passam a ter direito e dever de fazer uso cotidiano de *eghewid* ou *taguilmust* (turbante tamacheque). Essas festas eram organizadas durante *akassa*, ou seja, a estação de chuva, quando várias *tiwšaten* (confederações) se encontravam em lugares como em *Tinezidan*, que possui terras salgadas, *ahara*. Este é, portanto, o período de *tassalaq*, ou seja, de levar os animais a comer na chamada cura ou tratamento de sal. Neles surgiram as celebrações com a música de *téndé* em festas e ritmos entrelaçados à natureza.

Durante a *Takubelt*, as pessoas de Zalab-labé deram-se conta que a dramatização de algumas atividades históricas havia sido abandonada, devido à sedentarização e o impacto das

²⁷Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao, op.cit.

²⁸Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao, op.cit.

idades nos campos, segundo os/as interlocutores/as deste estudo. Isto ocorreu também com o jogo de *karay* feito por *ekarchay* ou *tikist*, pano que servia nos séculos passados, como bola em jogos, ocorrendo entre os acampamentos. Ag Goubaye ainda comentou esta tradição secular no mundo tamacheque com as seguintes palavras:

(...) este tipo de *karay*, bola, que se joga atualmente. Mas, havia outro jogo de bola, que se jogava com pau. Eram essas atividades que aconteciam durante encontros *timoqqessen dastiwašiten* que pensamos em reativar.²⁹

Este jogo como realçou Albacher e demais presentes, fazia-se, sobretudo, nos tempos de *akassa* (período de chuva), pois a terra estaria verde. Isto significa que os nômades pastores estariam felizes e estes jogos e festas eram manifestações de alegria. Um bom período de *akassa* indica o início de um ano bom, em que as ovelhas, as vacas e as camelas se reproduzem. Em *tadjrist* (tempo do frio) ocorre a colheita e quando as acácias florescem, a *tapsit*.³⁰ Isso favorece a abundância de leite, sobretudo de cabras, mas também de camelas. Finalmente, quando os animais se alimentarem bem durante os meses de janeiro, fevereiro e março, conseguem resistir aos meses de *eweelan* (período mais quente do ano e mais seco) para chegarem ao *amikassu*, início de chuvas (junho e julho) e, novamente ao *akassa* (final de julho, mês de agosto e início de setembro) e superarem *gharat* período entre *akassa* e *tadjrist*. Esta estação é curta, nela há vento quente e as folhas caem para reflorestar em *tadjrist* (BARYIN, 2013).

Nas transformações pelas quais passou a sociedade durante a colonização e, mesmo, com os novos países pós-coloniais, tais atividades histórico-culturais foram sendo deixadas de lado e se sedentarizaram, *idjachan timizzoghen tin igharman* [entraram em moradas de cidades], conforme relatou Albacher.³¹ Mas, ainda existem *tiwšaten* que praticam estes jogos de memórias andarilhas, em trânsito na/pela natureza. Zilkifli lembrou o papel que o poeta Almarzock Ag Almoctafi³² teve na história das corridas de camelos (*timachaadjen*) dos Icharamatane, na década de 1970. Ele o qualificou de o “*ganhador* de competições de camelos”, visto que tinha um grande saber sobre camelos de corrida e treinava sempre seu camelo para esta finalidade. Os homens de sua geração, mesmo os de gerações de seus irmãos mais novos, tentavam

²⁹Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao, op.cit.

³⁰Flores de acácias conhecidas localmente por *timaatteen* e *tihgreen*.

³¹Grupo de narradores Icharamatane, op..cit.

³² Almarzock é um notável e grande marabu da comunidade Icharamatane, o irmão mais velho do atual chefe tradicional, filho de ex-chefe Almoctafi e sobrinho de Issa Ag Haidrata que também foi chefe depois que seu irmão Almoctafi ficou velho. Este último deixou a chefia para seu irmão mais novo, que por sua vez, antes de falecer, escolheu o atual chefe Alhabib, visto que este último tinha cursado seis anos da escola colonial, o que segundo seu tio, Issa Ag Haidarata, lhe daria condições para compreender as questões sociais e políticas em jogo na região. Almarzock é o irmão mais velho do pai da minha mãe e Alhabib é irmão mais novo de meu avô materno.

frequentemente uma oportunidade para vencê-lo. Zilkifli rememorou no grupo as experiências de Almarzock:

Foi numa vez que o comandante³³ veio à casa do velho³⁴, nossa gente saiu para recebê-lo e, à tarde, voltando [para suas casas] fizeram a *taamachaak*³⁵ [competição de corrida de camelos]. Assalat declarou que seu camelo era mais forte que o de Almarzock. Naquele dia, o camelo de Almarzock estava machucado na perna dianteira (*taahitt*), havia acontecido durante o casamento de Aliya³⁶ *ermagh harat dagh tahit nes*. Como o camelo de Almarzock estava machucado, o de Assalat ganhou daquela vez.³⁷

Contaram que Almarzock Ag Almoctafi ficou inconformado, pois ele era uma pessoa que gostava de emoções nas competições. Ele e seu sobrinho Zilkifli decidiram que iriam se preparar para retomarem o lugar de campeões:

Em uma das vindas de Mohamed Ag Almahdi³⁸ - conhecido por *Ekaday* -, de Kidal ou de Tessalit, onde trabalhava, avisamos que estávamos indo lá no acampamento deles. No momento em que saíamos, nós estávamos no rio³⁹, precisamente em Timadjlalen. Éramos eu, Almarzock e Gazza, um Songhoi. Almarzock me perguntou o que faríamos com os homens [referindo-se a Assalat e seus amigos]. Eu respondi que quando conseguisse o *ekarachay* [pano do jogo, símbolo da vitória], eu o seguraria durante dois quilômetros, isso eu tenho certeza que posso garantir. Fizemos o combinado. Eu estava no camelo de Ahamma.⁴⁰ Pela tardinha pegamos os camelos e fomos para à *tendé* e ficamos fazendo voltas e voltas em torno dela e, quando consegui o *ekarachay*, peguei e fui embora. Aí, os homens daquele *amazzagh* [acampamento] me perseguiram. Foram atrás de mim, mas, quando encontrei Almarzock eu lhe passei o *erasway*.⁴¹ Ele o pegou e começou a cantar suas *ennizaman* (poesias).⁴² Como seu camelo estava acostumado a essas canções, bastava que Almarzock começasse a cantar para que seu *intalaghlaq* [nome daquele camelo] disparasse, ele sumia. Nós o chamávamos *intalaghlaq*. Almarzock pegou só uma parte pequena do *ekarachay* e deixou o restante ao vento. Assim, o camelo aumentou seu galope. De nossa parte, continuamos seguindo Almarzock até que só conseguíamos ver o *erasawy* no ar e os nossos adversários se deram conta de que tinham sido vencidos (*atwarnan*) e voltaram. Eu continuei e cheguei ao nosso acampamento. Assim, Almarzock e eu nos tornamos campeões.⁴³

³³ Um oficial militar, representante do governo. Havia vários comandantes e chefes que respondiam pelas divisões político-administrativas da região (*cercle*, de *arrondissement* etc).

³⁴ *Amenokal* Almoctafi Ag Haidarata.

³⁵ Se fala também *taamachadjat*

³⁶ Nome de um dos notáveis

³⁷ Grupo de narradores Icharamatane, op.cit.

³⁸ Mohamed Ag Almahdi trabalhou na alfândega. Foi conhecido, também, como “Mohamed V, o aduaneiro”.

³⁹ *Edjarew*, região do rio, neste caso, uma região, não necessariamente na beira do rio. É uma forma de fazer limites entre *edjef* e *edjarew* região de rio.

⁴⁰ Seu verdadeiro nome é Mohamad Ag Azamzami, *inchas massinagh* [que Allah lhe perdoe], Ahamma seu nome diminutivo, faleceu em 2002. Ele era um dos notáveis da comunidade e o irmão mais velho de minha avó materna. Seu irmão mais velho, Mohamedou, é o segundo conselheiro da comunidade.

⁴¹ Sinônimo *deekarchay*.

⁴² Poemas cantados.

⁴³ Grupo de narradores Icharamatane de Zalab-labé-Gao, op.cit.

Para que Almarzock e Zilkifli ganhassem a corrida, iniciada num lugar chamado *Tinaghaman*, próximo de Zalab-labé, decidiram que a distância a ser percorrida deveria ter mais ou menos 45 Km. Naquela época, os Icharamatane ainda não havia se sedentarizado e os acampamentos da comunidade estão situados próximos aos limites em que suas tumbas ancestrais se encontram. Em Tinaghamane, lugar onde se iniciou a competição entre dois acampamentos Ichramatane, havia *tende* porque a corrida acontecia durante uma festividade e a *tende* é o elemento musical mais importante, pois é usada pelas mulheres para tocar e cantar.

Sobre o pano, *ekarachayou erasway*, Zilkifli explicou que era “um cachecol, assuar, que uma mulher nos deu para ver se os homens de seu acampamento conseguiriam ganhar”.⁴⁴ Estas competições geravam, também, prestígio entre as mulheres dos acampamentos, pois segundo Zilkifli, quando os homens vencedores chegam, as mulheres de seu acampamento os saúdam com o *tighlila*⁴⁵ e os acompanham em longo percurso até o acampamento. Era uma festa no acampamento inteiro. Albacher contou que eram as mulheres que entregavam o prêmio, *alhak*. Nas composições de Zalab-labe, as narrativas sobre festivais, remetem à educação da percepção modelada por trabalho artesanal de criação de histórias que emergem do conhecimento dos modos de vida e desenhos de tradições. São montagens que encontram eco nas reflexões sobre a arte de narrar de Walter Benjamin (1987), apesar da diferença de contextos. Essa maneira de transmissão oral, de pessoa a pessoa, recentra os sentidos da experiência (*erfahrung*) e da vivência (*erlebnis*) no cultivo do passado em *ethos* comunitário e no investimento intenso e permanente na memória com rastros compartilhados. Perguntei sobre os poemas-canções *issuhagh* de Almarzock, porém, os presentes não se lembravam delas. Espero poder retomar ao tema em momento oportuno, pois envolvem composições orais e fontes orais do pensamento local relevantes. Almarzock escrevia poemas em tamacheque e, também, em árabe. Ele está idoso, mas, quando nos encontrarmos tentarei registrar algo de seu conhecimento ou mesmo de sua biblioteca poética, como Amadou Hampâté Bâ (1982).

Para concluir

O Saara, do Egito ao Marrocos, encontra-se sitiado no tempo presente, e suas sociedades sequestradas por conjunturas de conflitos e guerras, além de estarem submersas por paradoxos

⁴⁴ Assuar significa o tecido que se usa para o véu da mulher, enquanto *taguelmust* é o que se usa para os homens.

⁴⁵ As aclamações das mulheres se fazem com palmas, *eqass*, e com os *yuyus* ou *tighlila*.

das políticas de controle migratório, extrapoladas da Europa e implantadas em países africanos. Os projetos culturais iniciados pela sociedade Kel Tamacheque, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, sofreram novos e grandes obstáculos criados pelo crime organizado, o absolutismo religioso e indesejáveis consequências das estratégias de lutas emancipatórias equivocadas dos últimos anos. Devido à ocupação pelos fundamentalistas em 2012, das regiões de Timbuctu e Gaoalém de Kidal, as atividades culturais passaram a ser perseguidas e a sofrer represálias. Muitos músicos migraram ou exilaram-se. Abdalla Ag Lamida, um dos membros de Tinariwen, chegou a ser sequestrado quando tentava evitar que destruíssem sua guitarra. Após o episódio, os membros do grupo Tinariwen voltaram a viver em Tamanrasset, na Argélia. Contudo, como indicou Iyadou Ag Lech⁴⁶, a música é um modo de fazer “a guerra contra a guerra”. Em diversas entrevistas, o guitarrista de Tinariwen expressou seu desejo de que os Kel Tamacheque encontrem sua liberdade porque “o amor pela liberdade é um sentimento comum às sociedades e que também eles, compreendem o que é útil ou benéfico para si” (AG LECH, 2012). Isso não existe. Não pode citar isto no sistema autor/data.

Os encontros intercomunitários são modos de identificações culturais, flexíveis e em construções constantes, são experiências enraizadas em organização e dinâmicas sociais que não permitem ser subsumidas a identidades nacionais unificadas e absolutas (HALL, 2003) sem o recurso à violência. Tal situação constitui uma das bases das eclosões de revoltas do bojo da sociedade Tamacheque, pois sem composição das diferenças (de língua, etnicidade, gênero, práticas expressivas e símbolos históricos), o fechamento na defesa regional ou local se acentua. Andy Morgan (2014)⁴⁷ ponderou que “o desejo de enfraquecer as diferenças culturais e promover uma espécie de hegemonia pan-mandinga no Mali, pan-hauçá no Níger ou pan-árabe na Argélia e na Líbia é simultaneamente retrógrado e condenado”.

O reconhecimento das delimitações das regiões de nomadismo, ainda que flexível e em movimento, precisa reafirmar-se a cada geração. Aqui se inscreve uma concepção de cultura que encontra suporte no trabalho de Raymond Williams (2015), para quem o aprendizado de cada pessoa, das formas, dos propósitos e dos significados, de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação, enquanto modo de pensar a sociedade, é lento e exige, ainda, a “comprovação na experiência, a construção de novas observações, comparações e significados” (WILLIAMS, 2015, p.5).

⁴⁶AG LECH, Iyadou. In: JEMEHOLM, Kalle Gustafsson; EGERSTRAND, Fredrik. *Tinariwen- Recorded*. Gothenburg Sweden, (Vídeo) junho 2012, *online*, 60min. Disponível em: <https://youtu.be/aA2-vJS6tvv>. Acesso em: 21 Dez 2018. Regi & Produktion.

⁴⁷MORGAN, Andy. Does the Touareg question have an answer? Andy Morgan writes blog, 20 Jan. 2014. Disponível em: <https://www.andymorganwrites.com/does-the-touareg-question-have-an-answer/>. Acesso em 12 jan 2019.

A construção da territorialidade como espacialidade móvel (RÉTAILLÉ, 2005), recebe investimento contínuo das comunidades saarianas, renovando e atualizando sentidos e lugares de memória. Afinal, o século XXI está produzindo manifestações importantes que requerem uma revisão política e teórica, superação de oposições entre reconhecimento de identidades e democracia. Mesmo as formações sociais chamadas de “comunidade” não aceitam mais serem consideradas como expressão do arcaísmo, enquanto os itinerários da música da Techúmara, após 1990, instauram em outras espacialidades experiências tamacheque que, mais uma vez, deve se reinterpretar para incluir suas diásporas e novos modos de mobilidade.

Encontros intercomunitários mostram-se como eventos portadores de diferenciações relevantes de expressões artísticas e culturais decorrentes da diversidade de interesses locais, regionais e internacionais. Eles têm sido percebidos como relevantes para legitimação territorial e política de comunidades. Há, além disso, uma dimensão social, formada pelas alianças no interior de cada *tawšit* para constituição ou manutenção da coesão social. As identidades das *tiwašiten* apresentam-se como mosaicos trabalhados de diversos modos, tornando sempre importante o debate sobre suas narrativas e suas construções. Finalmente, a compreensão dos modos de vida exige uma percepção dos dramas cotidianos, além da compreensão de que existe em cada composição estética uma particular maneira de manifestação da “paixão de viver” (MAFFESOLI, 2006, p.274). Essas composições formadas por instrumentos, artistas e suas performances são, além disso, campos de sonoridades e movimentos de narrativas complementares, conforme Wa Mukuna Kazadi (1985). Além de atos densos de sentidos no pensamento musical africano, os encontros intercomunitários evocam a música-evento (WA MUKUNA, 1985), que entrelaça sonoridades como possibilidades de mobilização e criação, formas de movências em contextos de tradições orais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AG ADNANE, Mahfouz. **Ichúmar: da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980-2010): raízes históricas e produção contemporânea**. 2014. 180f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les Touaregs du Tassili n Ajjer: Mémoire collective et organisation sociale**. Argel: CNRPAH, 2012.

ANTONACCI, Maria Antonieta Matinez. Memória e patrimônio em “arquivo vivo. **Projeto História**, São Paulo, v. 62, p. 80-110, maio-ago 2018.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

CUOQ, Joseph. **Histoire de l'islamisation de l'Afrique de l'Ouest, des origines à la fin du XVIe siècle**. Paris: Librairie orientaliste Paul Geuthner, 1984.

DELANGE, Jacqueline. **Arts et peuples de l'Afrique noire**. Paris: Gallimard, 1967.

DIAGNE, Mamoussé. **Critique de la raison orale. Les pratiques discursives en Afrique noire**. Paris: Karthala, 2005.

FARIAS, Paulo Fernando de Moraes. Local Landscapes and Constructions of World Space: Medieval Inscriptions, Cognitive Dissonance, and the Course of the Niger. **Afriques**, 2, 2010 *online*. Disponível em: <<http://afriques.revues.org/896>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

BARYIN, Gael. **Dans les mâchoires du chacal - Mes amis Touaregs en guerre au Nord-Mali**. Le Passager clandestin, 2013

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África, Vol. I**. São Paulo: Ática, 1982, p. 167-214.

HAWAD, Mahmoudan. La teshumara, l'antidote de l'État. In Claudot-Hawad. Touareg, exil et résistance. **Aix-en-Provence**, Édisud, v. 57, n. 3, p. 123-140, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Unesco, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1996.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.

MAFFESOLI, Michel. Comunidade de destino. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006.

NDIAYE, Iba Diadji. **Créer l'art des Africains**. Dakar: Presses Universitaires de Dakar, 2003.

NDIAYE, Iba Diadji. Mutations disciplinares dans les arts et les champs de créativité : le cas des arts africains. **Actes du colloque ISEA**. Paris, Dec 2000. Disponível em: <https://www.olats.org/afrika/artsSciences/mutations.php>. Acesso em: 23 Ago. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História Geral da África, vol. I: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática: Unesco, 1982, p. 139-166.

RÉTAILLÉ, Denis. L'espace mobile. In: ANTHEAUME B, GIRAUT, F (Orgs). **Le territoire est mort. Vive les territoires! Une (re)fabrication au nom du développement**. Paris: IRD, 2005, p. 175-202.

WA MUKUNA, Kazadi. Aspectos Panorâmicos da Música Tradicional no Zaire, **África**, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, v. 8, p. 77-87, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da Esperança**. Cultura, democracia, socialismo. São Paulo, 2015.

Recebido em: 10/01/2019

Aprovado em: 18/02/2019